



### A Literatura Africana em Livros Paradidáticos Para o Ensino Médio

*Bruna Quezado<sup>1</sup>; Maria do Socorro Cordeiro de Sousa<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir como os livros paradidáticos abordam a Literatura Africana no ensino médio. Os mais 350 anos de escravização dos povos africanos e indígenas no Brasil contribuíram para a construção do pensamento eugenista e racista, que considera o negro como uma raça inferior intelectual e culturalmente, o que configura racismo e desumanidade, além de existirem diversas tentativas de apagar a história desse povo (epistemicídio). Por isso, os estudantes, sobretudo do ensino médio que estudam literatura, não têm a chance ou o incentivo de ler livros de escritores africanos. Primeiro pela falta de formação dos professores e, segundo porque as escolas não possuem os recursos bibliográficos adequados para desenvolver um trabalho com a literatura africana. Por conseguinte, a presente pesquisa adotou como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, a partir da diversidade de obras da Literatura Africana e de artigos científicos publicados sobre a temática. Buscou-se identificar e caracterizar as principais obras e contos da Literatura Africana para o uso no ensino médio, para assim apresentar como a leitura destas obras contribui para o incentivo à leitura, destacando a importância dos contos africanos nas escolas. Para a realização da pesquisa utilizou-se o aporte teórico, a saber, Cereja e Magalhães (2013), Munanga (2018), Rolon (2015), Candido (2014), Craverinha (2015), Failla (2013). Assim, os contos populares africanos refletem a diversidade cultural da sociedade e proporcionam lições valiosas a serem aprendidas; além disso, através deles os alunos podem aprender mais sobre os valores enraizados nas culturas africanas tradicionais, à medida que pequenos grupos leem outros contos e a classe os discutem.

**Palavras-chave:** Contos africanos. Contadores de histórias. Ensino Médio. Literatura Africana.

### African Literature in Paradidatic Books for High School

**Abstract:** This article aims to discuss how the textbooks approach African Literature in high school. The more 350 years of enslavement of African and indigenous peoples in Brazil contributed to the construction of eugenic and racist thinking, which considers blacks to be an inferior race intellectually and culturally, which configures racism and inhumanity, in addition to several attempts to erase the history of this people (epistemicide). For this reason, students, especially high school students studying literature, do not have the chance or the incentive to read books by African writers. First because of the lack of teacher training and, second, because schools do not have adequate bibliographic resources to develop work with African literature. Therefore, the present research adopted bibliographic research as a methodological procedure, based on the diversity of African Literature works and scientific articles published on the theme. We sought to identify and characterize the main works and tales of African Literature for use in high school, in order to present how reading of these works contributes to encourage reading, highlighting the importance of African tales in schools. Theoretical support was used to carry out the research, namely Cereja and Magalhães (2013), Munanga (2018), Rolon (2015), Candido (2014), Craverinha (2015), Failla (2013). Thus, African folk tales reflect the cultural diversity of society and provide valuable lessons to be learned; moreover, through them students can learn more about the values rooted in traditional African cultures, as small groups read other tales and the class discusses them.

**Keywords:** African tales. Storytellers. High school. African Literature.

<sup>1</sup>Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). quezado.b@hotmail.com;

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

## Introdução

A literatura africana é rica em diversidade, adversidade e esperança. Esta teve início no século 18, durante o período da escravidão, e continua contando os contos de escravização, liberdade, discriminação e aceitação cultural. Os poetas e autores afro-americanos passaram por muito racismo e diversas tentativas de reconhecimento até, finalmente, serem reconhecidos como escritores, de modo que suas obras merecem ser publicadas e lidas. Através da Lei n.º 10.639 de 2003, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica Brasileira – LDB foi alterada e tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio do país, oficiais e particulares (BRASIL, 2003).

Contudo, muitas escolas não se esforçaram em introduzir a literatura africana como parte de seu currículo principal, o que ocorre tanto porque as escolas não possuem professores qualificados que possam transmitir adequadamente o significado da literatura aos alunos, como porque existem escolas que, simplesmente, não possuem os livros e materiais necessários. Assim, os estudantes não têm a chance ou o incentivo de ler livros africanos (CANDIDO, 2014), haja vista que, nesse cenário de precariedades o ensino da literatura se dá através de trechos das obras contidos nos livros didáticos de Língua Portuguesa, oferecendo o mínimo de contato com a integralidade do texto e o seu contexto histórico, social, cultural e político.

O ato de ler proporciona ao estudante o desenvolvimento em diversas áreas do conhecimento. É por isso que para todos aqueles que estão envolvidos no processo de educação o objetivo mais almejado é o de potencializar a leitura na escola. Contudo, muitos fatores limitam a prática da leitura nas escolas, a citar: “[...] bibliotecas desorganizadas e/ou com exemplares desatualizados, falta de acessibilidade e desestímulo tanto dos alunos quanto da equipe docente em utilizar os espaços destinados aos eventos de leitura [...]” (PAULUCIO, 2019, p. 15). Tomando como base as delimitações em que se insere educação brasileira está inserida que, mesmo existindo leis como é o caso da LDB que torna obrigatório o ensino da cultura e história afro-brasileira e africana, pode ser difícil para o educador trabalhar com a literatura africana em sala de aula. Isto posto, surgiu a seguinte indagação: Como utilizar os paradidáticos e contos africanos para promover o ensino de Literatura Africana no ensino médio?

Desse modo, o objetivo do presente trabalho é discutir como os livros paradidáticos que abordam a literatura africana podem ser utilizados no ensino de literatura no ensino médio. Os objetivos específicos são: identificar os contos africanos mais relevantes para o ensino de

Literatura Africana no ensino médio; caracterizar os contadores de histórias e suas diferentes formas de atuação; apresentar como a leitura de obras de autores africanos contribui para o incentivo à leitura, destacando a importância dos contos africanos nas escolas.

Os resquícios dos mais 350 anos de escravização dos povos africanos e indígenas no Brasil deixaram marcas na sociedade até os dias atuais. Devido ao pensamento eugenista e escravocrata considerar o negro como uma raça inferior intelectual e culturalmente, existem diversas tentativas de apagar a história desse povo (epistemicídio), além de ter contribuído para a perpetuação do racismo até os dias atuais. Dessa forma, este trabalho mostra-se relevante porque o uso de paradidáticos de Literatura Africana pode ajudar o estudante a entender melhor a realidade, se reconhecer e reconhecer os outros nas histórias, além de poder vir a ser um “importante instrumento para a formação de uma postura antirracista dentro e fora do ambiente escolar” (CASTRO, NUNES, 2014, p. 2).

Somado a isso, pode-se dizer que o uso de livros de ficção é forte aliado no ensino de Literatura Africana. Apesar de a literatura poder proporcionar aos alunos uma perspectiva da América para além dos livros de história, as histórias de ficção não devem ser excluídas, pois para inspirar os alunos do ensino médio a ler, as escolas devem fornecer uma grande variedade de livros para os alunos escolherem, incluindo poesia, ficção e ficção científica, que se relacione com a sua realidade. Para tal, buscou-se, principalmente, embasamento teórico nos seguintes autores: Cereja e Magalhães (2013), Munanga (2018), Rolon (2015), Candido (2014), Craverinha (2015), Failla (2013).

### **Literatura africana no ensino médio**

Contar histórias leva o ser humano a uma jornada que o inspira a aprender sobre a cultura e identidade, reflete valores sociais em uma cultura que motiva as pessoas na busca de uma vida significativa. Segundo Cereja e Magalhães (2013), a tradição oral de contar histórias torna possível que uma cultura passe conhecimento, história e experiências de uma geração para a outra. Muitas culturas na África têm rituais de narração oral. A narrativa tradicional na África revela ideias, temas, crenças e fatos amplamente divulgados. Ele divulga concepções exclusivas de uma tribo, vila ou região.

A literatura oral, incluindo histórias, dramas, enigmas, histórias, mitos, canções, provérbios e outras expressões, é frequentemente empregada para educar e divertir as crianças. Histórias orais, mitos e provérbios também servem para lembrar comunidades inteiras dos feitos

heroicos de seus ancestrais, seu passado e os precedentes de seus costumes e tradições. Essencial para a literatura oral é uma preocupação para apresentação e oratória. Os caixas eletrônicos usam técnicas de resposta a chamadas. Um grito (cantor de louvor) acompanhará uma narrativa com música (CRAVERINHA, 2015).

Alguns dos primeiros escritos africanos a chamar a atenção no Ocidente foram as narrativas pungentes de escravos, como “A Narrativa Interessante da Vida” e “Aventuras de Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa”, o Africano (1789), que descrevia vividamente os horrores da escravidão. tráfico de escravos. Segundo Failla (2013) quando os africanos se tornaram alfabetizados em suas próprias línguas, reagiram com frequência contra a repressão colonial em seus escritos. Outros olhavam para o próprio passado em busca de assuntos. Thomas Mofolo, por exemplo, escreveu Chaka, sobre o famoso líder militar zulu, em Susuto.

Desde o início do século XIX escritores da África Ocidental usaram jornais para expor suas opiniões. Vários jornais fundados serviram como veículos para expressar sentimentos nacionalistas nascentes. Os africanos de língua francesa na França, liderados por Léopold Senghor, foram ativos no movimento de negritude da década de 1930, juntamente com Léon Damas e Aimé Césaire, falantes de francês da Guiana Francesa e da Martinica. Sua poesia não apenas denunciou o colonialismo, mas também afirmou com orgulho a validade das culturas que os colonos haviam tentado esmagar (HERNANDEZ, 2015).

Após a Segunda Guerra Mundial, quando os africanos começaram a exigir sua independência, mais escritores africanos foram publicados. Escritores como, na África Ocidental, Wole Soyinka, Chinua Achebe, Ousmane Sembene, Kofi Awoonor, Agostinho Neto, Tchicaya u tam'si, CameraLaye, Mongo Beti, Ben Okri e Ferdinand Oyono, na África Oriental, NgugiwaThiong 'Ok, Okotp'Bitek, e Jacques Rabémananjara produziu poesia, contos, romances, ensaios e peças de teatro. Segundo Knopfli (2013) todos escreviam em idiomas europeus, e frequentemente compartilhavam os mesmos temas: o choque entre culturas indígenas e coloniais, condenação da subjugação europeia, orgulho no passado africano e esperança no futuro independente do continente.

Na África do Sul, os horrores do apartheid dominaram, até o presente, a literatura. Es'kia Mphahlele, Nadine Gordimer, Bessie Cabeça, Dennis Brutus, JM Coetzee, e Miriam Tlali todos refletem em diferentes graus em seus escritos a experiência de viver em uma sociedade racialmente segregado (MUNANGA, 2018).

Grande parte da literatura africana contemporânea revela desilusão e discordância com os eventos atuais. Por exemplo, VY Mudimbe, em Antes do nascimento da lua (1989), explora

um caso de amor condenado que se desenrola dentro de uma sociedade repleta de engano e corrupção. Segundo Pinto (1993) o romancista e poeta do Zimbábue Chenjerai Hove (1956–2015) escreveu intensamente em inglês e em sua língua nativa Shona as dificuldades experimentadas durante a luta contra o domínio colonial britânico e, posteriormente, as esperanças e decepções da vida sob o governo de Robert Mugabe. No Quênia, Ngũgĩwa Thiong'o foi preso logo após a produção de uma peça em Kikuyu, considerada altamente crítica ao governo do país. Aparentemente, o que parecia mais ofensivo sobre o drama foi o uso de músicas para enfatizar suas mensagens.

### **Literatura africana como incentivo à leitura nas escolas**

Os professores têm a difícil tarefa de convencer o estudante à leitura. Quando os estudantes são afro-brasileiros ou de uma cultura diferente, a introdução de literatura multicultural na sala de aula abre discussões entre os alunos, dá vida à história e incentiva a imaginação a se abrir de maneiras únicas. Segundo Rolon (2015) é importante que os professores do ensino médio passem um tempo discutindo a literatura afro-americana - não apenas por si só, mas também incorporando-a a outros assuntos. Por exemplo, gaste uma unidade inteira discutindo apenas a literatura afro-americana, mas depois incorpore o trabalho afro-americano em outras unidades, bem como nas unidades de poesia e de contos.

Segundo Rosa e Backes (2015) a leitura de livros para jovens adultos deve ser divertida e educativa para os alunos. Existem 5 livros africanos para alunos do ensino médio que podem ser utilizados durante as aulas:

- *Junebug in Trouble*: Este livro de Alice Mead é apresentado atualmente e trata de questões que muitas crianças no ensino médio podem reconhecer. Embora o protagonista e muitos dos personagens sejam afro-americanos, é um livro importante que mostra que só porque as pessoas têm uma cor de pele diferente não significa que não sentem as mesmas coisas e experimentam os mesmos desafios;

- *História de Leon*: este relato autobiográfico da vida de Leon Walter Tillage quando criança no Sul durante a era pré-direitos Civis é contado através dos olhos de um garoto que tinha mais ou menos a idade do ensino médio durante um período turbulento nos Estados Unidos. A história promove o tema do vínculo familiar e discute outras questões relevantes para todos os alunos do ensino médio;

- *Barco Noturno para a Liberdade*: para documentar outra parte importante da história americana, os professores de inglês do ensino médio devem pedir aos alunos que leiam esse

romance de Margaret Theis Raven. A história segue os desafios que um garoto enfrentou enquanto tentava escapar de uma vida de escravidão fugindo para o estado livre de Ohio;

- *Yankee Girl*: Este romance de Mary Ann Rodman ocorre nos anos 1960, quando crianças brancas e negras começaram a estudar juntas em muitas partes do país. Conta a história de duas meninas, uma branca e uma negra, e as dificuldades que encontram durante a amizade por causa de suas raças;

- *Céus Perigosos*: Esta história de Suzanne Fisher Staples segue a vida de um menino branco e uma menina negra que cresceram como irmão e irmã. Embora os dois tenham decidido que suas raças não importam para eles, isso coloca alguma dificuldade para os outros ao seu redor;

É importante que os professores que ensinam história africana expliquem aos alunos que haverá situações raciais nos livros e que, muitas vezes, as discussões em sala de aula podem deixá-los desconfortáveis. Os professores devem fornecer contexto para os alunos e discutir sobre porque esses comentários e insultos contidos nesses trabalhos estão errados.

## **Contos africanos**

A narração dos contos ocorre à noite após o jantar. O conto popular oral pode ser recitado, cantado e adaptado a várias circunstâncias. Segundo Serrano e Waldman (2017) tabus em muitas culturas desta área impedem as pessoas de se envolverem em qualquer trabalho sério à noite. Cada história recontada ilumina a consciência do público. Na região oeste e sul dos Camarões, as reuniões noturnas oferecem uma oportunidade para os assuntos da terra e da família serem discutidos ou planejados. Os problemas são resolvidos através do recurso a contos populares.

Candido (2014) descreve os elementos importantes dos eventos de contar histórias. Os contos populares são divididos em três seções, que incluem a fórmula de abertura, a seção corpo/expositivo e a fórmula conclusiva. A sessão de contar histórias começa com uma fórmula de abertura. Em seguida, há uma troca de piadas e enigmas. Depois de envolver a participação do público, o evento de contar histórias tem um início solene. Após a fórmula de abertura, o contador de histórias inicia a narração da história.

O contador de histórias caracteriza a cena, apresenta os personagens e define o conflito usando todo tipo de técnicas. Segundo Cereja e Magalhães (2013), em muitas áreas nos Camarões, as pessoas fazem uma peça dramática real. O narrador canta, dança, grita e convida o público a dançar ou cantar; além disso usa uma linguagem cheia de imagens e simbolismo. O

artista imita muitos personagens da história. Durante a fórmula conclusiva, o fechamento da história é indicado por uma declaração moral ou final sobre uma questão que foi indicada na seção corpo / expositivo.

Contar histórias tem sido um ritual para o povo de Gana, à noite, depois de dias difíceis de trabalho. Contar os contos populares de Anan se ajuda as crianças a se tornarem membros responsáveis da sociedade africana. “A intenção psicológica de expor as crianças à narrativa justifica o motivo de contar histórias populares em Gana”. Os contos populares de Ananse costumam ser contados de forma criativa por adultos. A audiência inclui membros da família e filhos do bairro. As noites serenas e sentadas ao redor do fogo deram o tom para contar histórias (CRAVERINHA, 2015).

A atenção e a resposta entusiástica do público tornam as histórias interessantes. Os contos populares de Ananse não seguem nenhuma ordem sequencial. As histórias são contadas subjetivamente quando a descrição ou o tema da história é decidido. Segundo Failla (2013) a narração das histórias de Ananse é acompanhada de música, canto, bateria, instrumentos de percussão, palmas e dança. As músicas proverbiais são utilizadas para destacar a expressão dos personagens. As *Histórias de Anansi* têm como objetivo enviar uma mensagem moral para o público, especialmente as crianças.

### **Contadores de histórias**

Os contadores de histórias africanos são artistas que entretêm, inspiram e educam seu público. Eles sabem como cativar o público com mais do que apenas palavras, fazendo uso de gestos, canto, expressão facial e personificações para despertar o público. Hernandez (2015) afirma que também existem bons contadores de histórias e muito pobres. Os melhores acrescentam senso de drama, *timing* cuidadoso, vozes apropriadas e mantêm um relacionamento dinâmico com o público. Os mais experientes narram a história usando repetição, ritmo, imagens, provérbios e símiles. O uso da repetição ajuda o público a lembrar o refrão e juntar-se ao contador de histórias. O uso de frases curtas facilita a compreensão e a memorização das histórias. Quando o público está familiarizado com a história, costuma participar ativamente.

Em algumas regiões da África, existem contadores de histórias profissionais. Em Camarões, contar histórias não é uma atividade profissional. Embora as pessoas tenham o potencial de contar histórias, elas apenas desenvolvem excelência na arte de contar histórias com o tempo, a idade e a experiência. A idade e o sexo dos contadores de histórias em Camarões

determinam o tipo de história que será contada. Mulheres e crianças geralmente contam histórias de animais que lidam com as falhas do homem. Os homens, por sua vez, narram histórias que lidam com personagens, deuses e espíritos heroicos. O contador de histórias usa o senso de previsão e discernimento para manipular o público e o assunto (KNOPFLI, 2013).

Na área de Beti, uma região florestal do país africano Camarões, um contador de histórias costuma narrar suas histórias no meio da cena para dominar seu público. Ele se move de um lado para o outro, apontando ou convidando um ou outro participante para executar uma ação ou repetir um refrão. Segundo Munanga (2018), o contador de histórias comenta o comportamento de um personagem, explica um fenômeno social ou adiciona uma expressão para melhorar a compreensão do enredo. Um contador de histórias bem-sucedido é avaliado por repetições, ritmo, imagens, uso de provérbios, enigmas e símiles.

A seguir será apresentada uma discussão sobre a importância de contos africanos nas escolas.

### **A importância de contos africanos nas escolas**

Acredita-se que os contos populares africanos, também conhecidos como mitos, tenham o poder de manter a comunidade unida: os ancestrais, os vivos e os que ainda não nasceram. Eles servem para comunicar tradições, costumes, lições e moral aos jovens na preparação dos obstáculos da vida. Tradicionalmente, os adultos transmitiam essas histórias de boca em boca às crianças enquanto se reuniam em volta de um incêndio na vila, sob o luar (PINTO, 1993).

Os contos populares africanos são tão ricos em diversidade quanto o próprio continente. Como na China, apresenta essa atividade com um mapa da África, apontando para os países ou sub-regiões de onde os contos a serem usados se originaram. Da mesma forma, segundo Rolon (2015) peça aos alunos que procurem ilustrações que mostrem aspectos tradicionais e modernos dessas culturas. Os alunos devem traçar suas observações da mesma maneira que fizeram com os contos populares chineses.

Os muitos contos de *Anansi* refletem tanto o humor quanto os valores sociais, à medida que a aranha aprende uma lição após a outra ao tentar enganar seus amigos animais. Em contraste com esse ciclo de trapaça, leia os alunos *The Orphan Boy*, um conto de Maasai da África Oriental que explica por que Kileken (o planeta Vênus) aparece no céu tanto de manhã quanto à noite. Envolve a classe em uma discussão sobre como essas histórias são semelhantes e como elas diferem (ROSA; BACKES, 2015).



Os alunos podem aprender mais sobre os valores enraizados nas culturas africanas tradicionais, à medida que pequenos grupos leem outros contos e a classe os discute. Segundo Serrano e Waldman (2017), por exemplo, o valor da generosidade em oposição aos efeitos prejudiciais da ganância é claramente demonstrado na versão de John Steptoe de uma história do Zimbábue, as belas filhas de Mufaro: um conto africano.

Os contos populares africanos nem sempre explicitam sua mensagem, mas podem deixar o final para a plateia interpretar. Por exemplo, em *Young Mouse e Elephant: um folktale da África Oriental*, Young Mouse está convencido de que ele é o animal mais forte da savana. Embora a experiência de desafiar o Elephant – e de ser inconsciente pela savana em um jato de água - deva ensinar o contrário, Young Mouse acorda ao observar que ele deve ter "chovido" e lavado o Elephant. A história termina com a reflexão de Young Mouse: "E, nesse caso, ela deveria se considerar afortunada, pois eu a teria quebrado e quebrado em pedacinhos" (CANDIDO, 2014).

Essa prática é conhecida como Contos pelo luar. Na maioria dos casos, a história é assim segundo Cereja e Magalhães (2013) o protagonista, ou personagem principal, é excessivamente zeloso, jovial e gentil, mas tem uma falha importante, como ganância, orgulho e ingenuidade. Essas deficiências logo se tornam fraquezas e são exploradas pelo antagonista, ou principal adversário, um trapaceiro, que na maioria das vezes leva o protagonista à sua morte.

Juntamente com uma moral clara da história, os contos populares africanos também usam a personificação, que é quando um autor fornece coisas inanimadas, animais e características humanas da natureza. Nos contos populares africanos, existem muitos tipos diversos de animais específicos para cada cultura, demonstrando virtudes como generosidade, tolerância, honestidade e muitas outras. Outro aspecto específico dos contos populares africanos é o cenário, onde a história se passa. Em vez de um local específico, os contos populares africanos acontecem em um local muito geral que expõe os leitores ao clima e a várias formas de terra na África, fazendo frequentemente referência às estações do ano, secas e chuvosas, e ao efeito sobre a vegetação. Agora vamos dar uma olhada em um exemplo de um conto folclórico africano (CRAVERINHA, 2015).

As histórias africanas tradicionais geralmente transmitem uma lição moral ou cautela contra a ganância e outros vícios, como a história ganesa Anansi e a tartaruga Anansi, a aranha, avidamente come toda a comida antes de seu convidado Turtle ter uma chance. Mas o que Anansi pode fazer quando Turtle o convida para jantar na casa dela – debaixo d'água (FAILLA, 2013)

Outras histórias são muito mais sérias, como *Tingi e as vacas*. Este é baseado em eventos reais e trata de soldados entrando em uma vila sob a perspectiva de um garoto. Na superfície, há pouco drama além de soldados roubando vacas e um menino se escondendo. De acordo com Hernandez (2015), soldados que saqueiam aldeias costumam ser muito mais sérios do que o roubo de vacas. *Tingi e as vacas* convida o leitor a pensar e a falar sobre o que acontece quando os soldados marcham para uma vila.

É um excelente ponto de partida para uma conversa sobre medo e brutalidade que afetou pessoas em todo o continente, incluindo muitas crianças. É um lembrete de que nem todas as crianças têm a sorte de aproveitar plenamente as férias. O livro de histórias africano atende, como o nome indica, aos idiomas africanos. Desse modo, compartilhar histórias africanas tradicionais e contemporâneas é importante, principalmente, para que crianças de outros lugares participem da rica tradição oral e experimentem uma imagem positiva do continente (MUNANGA, 2018).

As melhores histórias são as que você cria. Isso não é apenas possível com o *African Storybook*, é incentivado. Muitas das histórias no site são adaptações de histórias que outras pessoas escreveram. De acordo com Pinto (1993), o banco de dados de imagens possui milhares de imagens que podem ser usadas para criar uma história ou adicionadas a uma história existente.

## Metodologia

A presente pesquisa “tem como o grande objetivo aprimorar as ideias” e caracteriza-se como exploratória (GIL, 2018, p. 41), pois tem o objetivo de discutir como os livros paradidáticos da Literatura Africana podem ser utilizados no ensino de literatura no ensino médio. Classifica-se também como uma pesquisa bibliográfica, porque “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2018, p. 44). A partir da diversidade de obras da Literatura Africana buscou-se identificar os contos africanos mais relevantes para o ensino de Literatura Africana no ensino médio, caracterizar os contadores de histórias e suas diferentes formas de atuação, bem como, por fim, apresentar como a leitura de obras de autores africanos contribui para o incentivo à leitura, destacando a importância dos contos africanos nas escolas.

As principais fontes bibliográficas utilizadas foram livros paradidáticos de escritores africanos (Literatura Africana) e artigos científicos sobre Literatura Africana publicados entre os anos de 2013 e 2019, para os seguintes descritores: Contos africanos; Literatura; Africana.

As bases de dados utilizadas foram: BIREME (Biblioteca Virtual de Saúde); LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e SCIELO (ScientificElectronic Library Online). Os critérios de inclusão e exclusão utilizados foram respectivamente: artigos que respondessem à questão de metodologia de projeto e editoriais; artigos de revisão da literatura e artigos que não respondessem à questão de outras metodologias proposto por este estudo.

### **Considerações Finais**

A tradição de contar histórias prosperou por gerações devido à ausência de material impresso. Os contos populares preparam os jovens para a vida, pois há muitas lições a serem aprendidas com os contos. Devido à história deste grande continente americano, que inclui o transplante forçado de pessoas para serem escravizados em outros continentes, muitos dos mesmos contos populares existem na América do Norte, América do Sul e Índias Ocidentais. Isso é contado com pouca variação, pois os contos foram divulgados de boca em boca e mantidos entre a população africana.

Depreende-se que a Literatura Africana pode ser abordada nas aulas de literatura tanto a partir de livros paradidáticos quanto a partir dos contos africanos orais trazidos passados de geração em geração. Destaca-se cinco livros de histórias africanas que podem e devem ser utilizados nas aulas de literatura, a citar: *Junebug in Trouble*, de Alice Mead; *História de Leon*, de Leon Walter Tillage; *Barco Noturno para a Liberdade*, de Margaret Theis Raven; *Yankee Girl*, de Mary Ann Rodman; e *Céus Perigosos*, de Suzanne Fisher Staples.

Outras leituras a serem exploradas em sala de aula são *Histórias de Anansi*, *Young Mouse e Elephant: um folktale da África Oriental*, *Tingi e as vacas* e *The Orphan Boy*. Além disso, na plataforma *online* African Storybook encontra-se uma variedade de histórias do povo africano nos mais variados idiomas do continente. Partindo-se para a tradição oral, as *Histórias de Anansi* podem ser abordadas na aula de literatura explorando a encenação e a teatralidade dos alunos, tornando as aulas mais interessantes e participativas, já que a narração das *Histórias de Anansi* é sempre acompanhada de música, canto, bateria, instrumentos de percussão, palmas e dança (FAILLA, 2013). Explorar a literatura por esse lado desenvolveria além da cognição, habilidades corporal-cinestésica.

Os contos populares africanos e os livros paradidáticos de escritores africanos e não africanos são tão ricos em diversidade quanto o próprio continente. Essas obras são consideradas como excelente ponto de partida para uma conversa sobre medo, brutalidade,

história, diversidade cultural, geografia, geopolítica com os alunos do ensino médio que já possuem um senso crítico um pouco mais desenvolvido que as séries iniciais, permitindo analisar as entrelinhas das histórias e contextualizá-las.

Por fim, espera-se que essa pesquisa sirva de embasamento teórico para futuras pesquisas, para que futuros pesquisadores procurem estudar sobre a proposição de metodologias para alavancar o ensino de Literatura Africana nas escolas, sobretudo no ensino médio.

## Referências

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, Poder Legislativo, seção 1, p. 1, 10 jan. 2003.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, v. 24, p. 803-809, set., 2014.

CASTRO, K. L. M.; NUNES, P. M. A literatura africana no ensino médio como instrumento para a mudança de postura na direção de uma educação antirracista. In: ABRALIC, 14., Belém, PA. **Anais...** Belém: ABRALIC, 2014. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014\\_1434479631.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434479631.pdf) Acesso em: 30 out. 2020.

CEREJA, W.; MAGALHÃES, T. **Português linguagens: literatura, produção de texto e gramática**, v. 1, ensino médio. 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

CRAVERINHA, J. Entrevista. In: CHAVES, R. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

FAILLA, Z (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

HERNANDEZ, L. L. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2015.

KNOPFLI, R. Naturalidade. In: APA, L; BARRETOS, A.; DÁSKALOS, M. A. (org.) **Poesia africana de língua portuguesa: antologia**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2013.

MUNANGA, K.. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

PAULUCIO, J. F. **Os livros paradidáticos na escola: critérios de escolha a partir da experiência de leitura juvenil nos anos finais do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado – Mestrado em Letras, Programa de Pós-graduação em Letras. Vitória: IFES, 2019.

PINTO, R. P. Movimento negro e educação do Negro: a ênfase na identidade. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 86, p.25-38, ago., 1993. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/936/941> Acesso em: 10 jun. 2020.

ROLON, R. B. O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no curriculum escolar brasileiro: algumas considerações. **Revista Ecos**, Cáceres, MT, v. 11, n. 2, p. 131-139, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/720> Acesso em: 28 mai. 2020.

ROSA, J. M.; BACKES, J. L. O ensino da literatura africana na Educação Básica: observações iniciais. In: SEMINÁRIO POVOS INDÍGENAS E SUSTENTABILIDADE: saberes tradicionais e formação acadêmica, 4., 2015, Campo Grande. Campo Grande: CEDEFES, 2015. Disponível em: <http://www.neppi.org/eventos/4sustentabilidade/simposio3.htm>. Acesso em: 28 mai. 2020.

SERRANO, C.; WALDMAN, M. **Memória d'África**: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2017.

•

#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

QUEZADO, Bruna; SOUZA, Maria do Socorro Cordeiro de. A Literatura Africana em Livros Paradidáticos Para o Ensino Médio. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, Dezembro/2020, vol.14, n.53, p. 138-150. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 01/11/2020;

Aceito: 08/11/2020.